

CONTOS ESCOLHIDOS

Isabel Mezzalira

Agradecimentos

A meus pais, Sergio e Isabel, pela educação, compreensão e empenho, procurando dar a mim, e aos meus irmãos, ferramentas para enfrentar a vida e produzir sonhos.

Ao meu professor, Marcelo Spalding, pela tolerância e ensinamentos.

São Paulo, setembro de 2015

Contos Escolhidos

1. A velha senhora
2. O jovem rei e os cinco reinos
3. O parque
4. A pensão de dona Judith
5. Páginas da História
6. De como a Terra virou mato.....
7. A "coisa"
8. Cinderela
9. E eu não sabia...
10. O jogador

A velha senhora

As mãos pendiam sobre o ventre. Seguravam agulhas de tricô, envolvidas em lã mesclada de branco e marrom. A malha tecida, longa, caía aos pés da mulher idosa que, sentada em cadeira de balanço, dormia. Os óculos estavam escorregando, sobre seu nariz volumoso e avermelhado. Às suas costas, uma almofada em tecido xadrez. Na mesa lateral uma caixa de costura, aberta, mostrava uma quantidade enorme de linhas, de todas as cores, tesouras, alfinetes e elásticos. Ainda, sobre a mesa, pacote de lã mesclada, já aberto, revelava uma etiqueta de preço meio apagado. Aos pés da senhora um tapete cinza, redondo, acolhia os pés envoltos em meias de lã e chinelos pretos. Chovia. O barulho da chuva se intensificava e o relógio da parede, antigo, em madeira de lei, soou três vezes. A senhora despertou com o ruído provocado pelo soar das horas e ajeitou as agulhas que estavam em suas mãos.

Olhou para o relógio e levantou-se com alguma dificuldade, deixando de lado a malha tecida.

Caminhou em direção à cozinha e abriu o armário largo, com portas de vidro, pegando xícara e pires brancos enfeitados com filetes azuis. No fogão, uma chaleira antiga. Encheu-a com água da pia e acendeu o fogo. Enxugou suas mãos no pano de prato verde, enfeitado com galinhas vermelhas e pretas, ajeitou os óculos e voltou para a sala.

A chuva estava cada vez mais forte e a velha senhora fechou as janelas da sala, puxou as cortinas floridas e voltou à cozinha. No caminho, tropeçou no tapete cinza trazendo consigo as agulhas de tricô e a malha tecida. Abaixou-se, com certa dificuldade, apanhou o trabalho e ajeitou os pontos na agulha. Na cozinha, a chaleira apitou e a velha senhora caminhou até lá. A malha ainda estava em suas mãos. Depositou o trabalho na mesa central da cozinha.

Quatro cadeiras estofadas em bege circundavam a mesa e uma delas estava mais gasta que as demais. Apagou o fogo.

O barulho da chuva continuava alto e a velha senhora se agasalhou melhor com o casaco de lã marrom.

No armário, acima da pia, estavam os saches de chá. Escolheu um pacote avermelhado e o depositou na xícara. Verteu a água e o vapor que se elevou, naquele exato momento, apontou a fervura. Apanhou o açucareiro e adoçou o chá.

A essa altura, já havia sentado na cadeira bege e saboreava o chá, atenta à chuva, cada vez mais forte e intensa. Ao seu lado, a malha descansava sobre toalha verde, enfeitada com as mesmas galinhas do pano de prato, fazendo um conjunto harmonioso em toda a cozinha.

A velha senhora estava em paz.

Abril de 2015

O jovem rei e os cinco reinos

Há centenas de anos atrás, durante dez anos, cinco reinos lutaram entre si por hegemonia territorial. Exauriram suas forças, suas provisões e sua gente. Um jovem rei, cansado de lutar, convocou uma trégua para que a Paz fosse estabelecida entre eles. A princípio, os demais reis suspeitaram da proposta, mas aderiram porque seus reinos estavam sofrendo demais com a guerra prolongada. Marcado o local, o jovem rei pediu que fossem todos os que tivessem algo a acrescentar à trégua e que levassem sugestões para um tratado definitivo de Paz.

E assim, centenas de pessoas atenderam ao convite e se reuniram no local combinado. Durante três dias as discussões foram do básico ao extremo. E a Paz, tão almejada, foi selada pelos cinco reinos. Durante outros três dias o jovem rei, sentado em um trono de pedra, conversou com cada um dos participantes do encontro e a cada um dava uma palavra de confiança e sapiência.

Depois, todos foram embora e voltaram para suas terras, confiantes no tratado estabelecido pelo jovem rei que, exausto após tantas conversas, dormiu por três dias seguidos. Resolvido a imortalizar esse encontro o jovem rei chamou o escultor mais famoso dos cinco reinos e pediu a ele que esculpisse, em pedra, todas as faces dos que haviam participado do encontro e, para tanto, usando de sua excelente memória, descreveu cada uma ao mestre escultor, detalhadamente. A tarefa levou quase um ano. O escultor fez centenas de pequenas peças, em pedra lavada e, ao final, apresentou o trabalho ao jovem rei. Porém, a vida é curiosa. Com a proximidade do primeiro aniversário do armistício o jovem rei morreu vítima de uma epidemia terrível, mas havia deixado instruções preciosas ao mestre escultor. Na data do aniversário todos foram ao local da assinatura do tratado, esperando ver o jovem rei e relembrar que a Paz era fundamental para o progresso e a tranquilidade das famílias, mas ele não estava lá. Encontraram o mestre escultor à frente de um

enorme painel encoberto por tecido rústico.

- "Venho, em nome do rei, dizer que sua majestade não poderá comparecer a esse evento solene, mas que em sua visão a Paz, tão almejada, tão penosamente construída, não poderia ser esquecida nem agora nem em muitos anos. Assim, sua majestade propõe que todos se lembrem da data e, que por gerações e gerações, esse local seja objeto de apreço por todos os reinos."

Em seguida, o mestre escultor retirou o tecido e o que apareceu foi um maravilhoso painel, em pedra lavada, reluzindo ao sol, com todas as faces dos que participaram do tratado, homens, mulheres, até crianças e, em meio a todas elas, a jovem e bela face do rei que havia possibilitado tal maravilha.

Souberam, então, pelo mestre escultor, que o jovem rei havia morrido.

O silêncio caiu sobre o local e todos os olhos ficaram marejados de lágrimas.

Julho de 2015

O parque

O sol já estava a meio caminho de se por. Seus raios caíam docemente sobre as árvores e arbustos, sobre as alamedas floridas e sobre as pessoas que circulavam nessa atmosfera tranquila. Até os pássaros voavam baixo, colhendo as últimas migalhas do dia que um homem jogava, à vontade, no caminho estreito que unia as diversas alamedas floridas.

Margaridas brancas e amarelas, lilases e lírios se espalhavam em todos os canteiros.

Ela acompanhava a cena.

Trajava vestido claro com flores miúdas em tom lilás.

O cabelo preto, amarrado com uma fita, contrastava com a pele clara, quase lívida, da mulher. Fios grisalhos apareciam sob a fita, enrolados e rebeldes.

Não era tão jovem. Rugas se formavam em torno dos olhos e da boca. Nas mãos, uma bolsa escura, com friso dourado. Os dedos a seguravam com força e as mãos aparentavam certa idade.

Os pássaros desciam e brigavam pelas migalhas fazendo um ruído característico. O número deles continuava aumentando, apesar do por do sol. A mulher contornou o grupo barulhento de aves e continuou andando, em direção à outra alameda florida com margaridas brancas e amarelas no canteiro central. Suspirou. Lágrimas escorriam de seu rosto, silenciosas. Não soluçava nem demonstrava abatimento. Apenas andava, sem rumo certo.

O homem, sentado no banco de madeira escura, olhou para a mulher e recolheu o saco de papel bege onde carregava as migalhas de pão. Levantou-se e começou a andar em direção à mulher. A noite caía lentamente e os pássaros, antes ansiosos pelas migalhas, voavam em direção às árvores, procurando abrigo para a noite fria. A mulher, entretanto, olhava para sua mão esquerda onde havia uma marca. Exatamente no quarto dedo. Olhou para o céu, escuro a essa altura, e chorou novamente.

Sem se dar conta, o homem a havia alcançado e também se sentou no banco escuro, de madeira retorcida, confeccionado com árvores antes frondosas. Olhando para a mulher, perguntou algo. Ela levantou a cabeça, enxugou os olhos e sorriu. Um sorriso débil. Começaram a conversar sentados, lado a lado. A mulher mostrou a mão esquerda e tirou da bolsa uma foto antiga, de um casamento realizado há muito tempo. Gesticulava e apontava para a foto. Nela se via um casal bem vestido. Ela com vestido branco, de renda e pérolas. Um véu comprido ao redor deles. Ele vestia terno escuro e gravata borboleta. Sorriam. Ao fundo, o cenário da foto mostrava um bolo enorme, com três camadas e muitas taças, espalhadas pela mesa recoberta por toalha bordada com enfeites rendados.

O homem olhava da foto para a mulher, abatida, e parecia acolhedor. A mulher, a essa altura, tirou outra foto da bolsa e a mostrou ao homem que a segurou entre os dedos da mão esquerda. Não havia marcas nessa mão.

A foto colorida mostrava um homem mais velho com uma jovem morena, cabelos compridos soltos ao redor do pescoço, trajando calças jeans e camiseta florida. Ao fundo, uma ponte estaiada e um céu muito azul. O homem disse algo à mulher chorosa e, levantando-se do banco, devolveu as fotos. Estendeu a mão e a mulher a aceitou. Caminharam silenciosos, em direção ao bar que estava aberto, olhando para o chão e para os lados. Não havia muita luz, a não ser a da lua que se elevava no céu e apontava o caminho mais seguro.

Na porta, convidando para um show de música brasileira, um cartaz enorme, colorido, contrastando com a iluminação interna do bar. Entraram. De mãos dadas. Pediram bebidas: "Martini" duplo e "Manhattan". As luzes da cidade se acendiam rapidamente. As aves, aconchegadas nas árvores, estavam silentes. Apenas a lua, alta no céu, poderia ser testemunha dos passos seguintes.

E o Parque, envolto em sombras, permaneceu.

Julho de 2015

A pensão da dona Judith

A pensão de dona Judith, no Rio de Janeiro, vivia lotada. Em sua enorme maioria eram estudantes do país inteiro que iam tentar a sorte na universidade da capital da República. Sim, porque antes de existir Brasília, na década de 1960, o Rio de Janeiro foi capital do Império e depois da República, em todo seu esplendor. Mas, o que nos interessa é que dona Judith mantinha a pensão num brilho só. Comida caseira, quartos limpinhos e gatos, muitos gatos, espalhados pela habitação simples, mas bem cuidada, no centro da cidade maravilhosa. Dona Judith aceitava qualquer estudante desde que honrasse seu compromisso e não causasse problemas.

Assim, um jovem interiorano, paulista de nascimento, com o sonho de estudar Medicina, foi para lá a fim de completar seus estudos e tentar uma vaga acadêmica. Mas a sorte não lhe sorriu de imediato porque não conseguiu atingir a meta.

Ficou com a segunda opção: História Natural, e adorou! O mundo era muito diferente em 1936, ano em que nosso jovem paulista se mudou para o Rio de Janeiro.

Havia um prenúncio de outra guerra mundial, com os problemas políticos na Alemanha de Adolf Hitler; uma ditadura esboçada por Vargas, pós-revolução de 1930 e pela nova Constituição de 1934, marcando o início do processo de democratização do Brasil e tantos outros acontecimentos. Como esse processo foi obstaculizado pelas incessantes greves e disputas eleitorais, além da influência direta das mudanças que ocorriam na Europa, Vargas seria ditador impondo ao povo brasileiro, por meio de golpe político, um período extremamente autoritário. Mas, em 1940 mais ou menos, nosso estudante sonhador, em uma ensolarada manhã como as que só acontecem na cidade maravilhosa, deparou-se com uma juvenzinha, de uns 15 anos, parente de dona Judith, andando pela pensão.

A menina tinha cabelos negros e um corpo bem feito.

Ele a viu, refletida no espelho, enquanto penteava seus cabelos loiros e foi amor à primeira vista. Por parte dele, claro! Como se declarar à jovem? Dona Judith estava de olho! Vigilante! Minhas intenções são as melhores possíveis! – pensou ele. Outros estudantes também haviam notado a bela morena. Um colega, inclusive, queria que ele ficasse com a irmã mais velha dela....

Conversa vai, conversa vem, e após muita conversa, ele a convidou para um piquenique. Foram e se divertiram. Ele ficou sabendo que a jovem havia perdido seu pai recentemente, em um horrível acidente ferroviário e que, provavelmente, toda a família – mãe mais seis irmãos e irmãs – teria de se mudar para o Rio de Janeiro. A família era do Espírito Santo. Tinha posses e terras. Fazendeiros. Mas com a morte do pai estavam a meio caminho de perder tudo. Se por um lado nosso jovem ficou triste, pelas circunstâncias em que ela estava no Rio de Janeiro, por outro se alegrou com a possibilidade de vê-la mais vezes e não apenas em período de férias.

Ambos viveriam na cidade maravilhosa.

Dito e feito!

O amor cresceu entre eles. Fortaleceu a relação. A primeira chama virou um enorme incêndio e alguns anos depois daquele encontro ele a pediu em casamento. Aliás, essa foi uma história engraçada porque no dia do pedido – antigamente o noivo precisava “pedir a mão da noiva” aos pais – chovia demais na cidade maravilhosa e não passava carro nenhum devido à enchente. Da janela do sobradinho, a jovem observava o trajeto dos veículos rezando para que o futuro noivo não falhasse! Dona Judith acompanhava a cena de longe! Um trovão anunciou que a chuva continuaria, forte! Apreensiva, a noiva andava de um lado para outro.

Mas um ônibus apontou na esquina, vencendo os obstáculos da enchente e os olhos da jovem noiva seguiram cada marola feita pelo veículo, até parar no ponto em frente ao sobradinho e descer dele apenas, e exclusivamente, nosso jovem paulista, carregando uma caixa de bombons e um ramalhete de flores.

A alegria se estampou na face da bela morena e ela correu para abrir a porta. Bodas maravilhosas! Muitos presentes! Telegramas de felicitações! O primeiro filho nasceu logo e a ele se seguiram outros cinco, meninos e meninas! Quanta felicidade! Uma vida longa em comum uniu esse casal que completou 61 anos juntos antes que a bela morena morresse, subitamente, vítima de problemas cardíacos. O companheiro estava solitário e infeliz. Sua amada havia partido antes e deixado uma saudade imensa.

Sem suportar essa ausência ele a seguiu na morte, dois anos depois, deixando órfãos seus filhos, netos e bisnetos.

Mas é reconfortante pensar que agora os dois estão juntos, novamente, em qualquer espaço ou Tempo e para sempre porque, como disse Vinicius de Moraes, “que seja eterno enquanto dure”.

E dona Judith?

O que aconteceu com a pensão?

Não sabemos, mesmo porque dona Judith faleceu por volta da década de 1970 e o negócio foi encerrado. Mas o amor pelos gatos e a vontade de ajudar os pobres estudantes, arrancados de seus lares e famílias para aprimorar conhecimento, fez de dona Judith a “mãe” de todos, apesar de nunca ter tido filhos.

Palmas para ela!

Obrigada, dona Judith, por ter facilitado a união desse casal apaixonado.

Obrigada!

Agosto de 2015

Páginas da História

Quantos falam em “páginas da História” como se realmente existissem?

Ou que estas e aquelas batalhas estariam registradas nos “Anais da História”?

É muito comum ouvir isso porque as pessoas acreditam que os fatos marcantes são aqueles que permanecem na memória, aqueles que valem a pena recordar.

Mas não é verdade.

A História é feita de momentos, pessoais e coletivos, no cotidiano, por pessoas comuns, homens e mulheres. Se existissem essas “páginas”, se assim fosse, teríamos livros e mais livros contando tudo o que interessa? Centenas de livros? Milhares?

Milhões? Onde esses livros ficariam guardados, sob que tutela? Como seria o sistema de busca? Palavras-chave? Períodos? Personagens?

Ou uma mistura de tudo isso?

Será que acharíamos o rei Artur?

Ou mesmo o mago mais famoso – Merlin - que atravessou gerações e gerações por seus feitos mágicos e lealdade ao maior rei de Albion? Ou aqueles que o antecederam como Taliesin, considerado um bardo, um poeta, com premonições, também poderiam ser encontrados?

As bruxas famosas como Morgana, Morgause etc também estariam lá?

Será que Alexandre, o Grande, marcaria presença nessas páginas e seria possível localizar seu túmulo?

Os faraós místicos, os deuses astronautas, Adão e Eva?

Como eu gostaria de colocar minhas mãos nessas “páginas da História”!

Encontraria os Mosqueteiros do Rei – Athos, Porthos e Aramis imortalizados por Alexandre Dumas? E d'Artagnan?

Acharia os filhos bastardos de toda a realeza européia?

Os descendentes de Cristo se a história de Maria de Magdala for verdadeira?

A Atlântida estaria registrada em mapas? Sua arquitetura, construção, desenvolvimento, planejamento e destruição teriam registro?

Eu poderia continuar falando em muitas coisas que mexem com o imaginário coletivo sem ter qualquer resposta porque História, como a conhecemos, é o registro das ações humanas. Então, se não há registro, não há História? E a memória oral? Onde fica?

Tradições e mais tradições passam por inúmeras gerações sendo transformadas, ampliadas e até mesmo modificadas! Mas quem se importa? Eu adoraria conhecer toda a história de Camelot, se é que ela existiu! Ou a história de todas as cidades astecas e incas que podem ter sido criadas por deuses astronautas.

Adoraria ler sobre a última legião romana na Bretanha.

São muitas as histórias que se contam sobre essa nona legião; sobre Asterix, Panoramix.....mas isso foi na Gália!

Sobre os duendes na Irlanda, as fadas e outras figuras aladas, Thor, Odin, Lot!

Sobre as guerras gregas, que tipos de armas foram usados, a indumentária de guerra, a agonia dos vencidos e a trajetória dos vencedores, Tróia, Esparta, Atenas.

Sobre a comida e bebida usada em todas as regiões mais frias ou mais quentes do planeta, copos, taças, xícaras, pratos, talheres etc.

Sobre os curandeiros, os primeiros médicos a acompanharem multidões de guerreiros e salvarem suas feridas e suas almas.

Sobre a verdadeira chegada dos portugueses na América, suas rotas e mapas, suas intenções declaradas, suas roupas e listas completas de embarque em caravelas e navetas.

A verdadeira face de D.João VI? Como seria? Haveria ilustração?

O rei Artur era louro como os celtas, ou moreno como os romanos? Morreu jovem ou velho? Tinha barba?

Sabia ler? Está enterrado em Avalon?

E uma pergunta enorme fica rodando na minha cabeça: quem faria o registro nessas páginas?

Passaria de pai para filho? De mãe para filha? Seria um trabalho privado ou público? Que tecnologias seriam usadas? O suporte seria feito em papiro, pergaminho ou papel? Em pedras? Em tecidos? Muita coisa se perdeu em terremotos, incêndios, enchentes e tantas outras catástrofes naturais. Ratos, baratas, cupins e outros devoradores de matéria orgânica também destruíram registros!

E aí?

E os diversos tipos de alfabetos que proporcionam inúmeras interpretações?

Que linguagem seria usada para registrar essas informações? Seria em código? Qual?

E em que momento poderá ser considerado a existência da “escrita”? Nas figuras rupestres? Na Bíblia?

E todo material já produzido, no mundo todo, que resistiu às intempéries e chegou até nós, poderá ser considerado também?

Quantas dúvidas!

Quantas perguntas!

Ah! O que eu não daria para por minhas mãos nessas “páginas da História”

Junho de 2015

De como a Terra virou mato...

Ela tem nome e endereço. O nome dela é Ana e o endereço? Bem esse fica para uma próxima história. Mora com a mãe, cinco gatos, uma cadelinha e o novo marido da mãe. Sim, porque apesar dela ter pai vivo, que já constituiu nova família e providenciou o nascimento de uma irmãzinha para nossa heroína, seus pais são separados.

Adolescente, não tão típica, estuda pela manhã e tem outros compromissos, principalmente relacionados à forma física. Ela é lutadora de “kung fu” e já ganhou várias medalhas em competições e que tais.

Porém, nossa heroína, nem sempre se saiu bem em provas escolares. Em um passado, não tão remoto assim, precisou de ajuda para estudar História e melhorar suas notas. Depois de um intenso estudo, e verificação da matéria, a nota pulou de 4 para 9. Foi um sucesso! Mas ela garante que não gosta de História. Prefere a Matemática!

Recentemente, mudou de escola. Sua mãe quer melhorar o nível de instrução da nossa jovencinha, mesmo porque o mundo aí fora é altamente competitivo e ela precisa estar preparada para escolher e não ser escolhida!

Aliás, essa visão de que quanto melhor preparado o indivíduo mais chances de conquistar o sucesso, a satisfação pessoal e profissional, não é infundada. Assim, as primeiras provas do bimestre ocorreram há pouco e, em prova de Ciências, nossa amiguinha produziu uma pérola digna de um romance. O tema da pergunta, por si só, já é motivo de discussão intensa entre cientistas renomados e religiosos fundamentalistas, além do fato de não haver consenso, pela total falta de possibilidade de aferição e demonstração por ambos os lados. Os jovens, infelizmente, estudam para o professor. Acham que devem responder às questões que o professor elabora esquecendo-se que ele é apenas meio, entre o conhecimento e a evolução.

Explicando melhor, não devemos estudar para o professor porque ele já sabe, e tem a maioria das respostas, mas estudar para nós mesmos, procurando conhecimento e sabedoria em todas as situações. Quanto mais eu sei melhor indivíduo serei!
Rimou!

Nossa amiguinha, então, tinha à sua frente uma questão extremamente complexa que pedia solução imediata, sob pena de tirar nota baixa na prova: - Conceitue criacionismo e evolucionismo ou explique a diferença entre uma hipótese e outra. Hipótese, e não teoria, porque ambas ainda não foram testadas e sua demonstração não pode ser aferida.

Quantos cientistas se debruçam sobre essa questão? E quantos religiosos? Para uma Ciência que teve seu maior esplendor a partir do século XIX essas questões permanecem até hoje sem comprovação. Os fósseis, por exemplo, eram considerados aberrações da natureza. Era impossível ao Homem acreditar que animais gigantesco tivessem vivido há tanto tempo quando os livros sobre religião apontavam apenas para

milhares de anos e não milhões!

A ciência busca respostas e a religião nos impõe dogmas, crenças.

Acreditamos em quem? Onde está configurada a origem do Homem, dos animais e das plantas? Somos parte de um todo? A vida é um presente ou é obra do acaso? Aceitamos os dogmas religiosos, sem discussão ou vamos à luta e perguntamos “por quê?”

Não temos o propósito de discutir o assunto, mas de relatar a resposta que nossa amiguinha deu a essa pergunta, tão complexa, mas que passou por simples questionamento enquanto item de prova de ciências.

Qual seria o propósito do professor ao fazer essa pergunta, afinal?

E, para uma juvenzinha de apenas 11 anos, como responder a isso?

Não teve dúvidas.

Respondeu o seguinte:

“Deus criou a Terra e tudo que ela contém”, para o criacionismo, e, “Deus criou a Terra que evoluiu para o mato”, para o evolucionismo.

Risadas à parte, de rolar no chão, mesmo, fica claro, pelo menos para ela, que não há certeza em nada.

Afinal, Deus criou tudo, não importando se evoluiu ou não!

Talvez ela tenha encontrado a resposta que há milênios instiga o ser humano! Talvez ela enxergue, com olhos tão jovens, sem muito questionamento, que não importa quem criou o quê, o importante é evoluir. Talvez ela nem esteja preocupada com essas questões porque seu alcance imediato é o que vai passar no Netflix nas próximas horas. Ou o sono era tanto, quando respondeu à pergunta complexa, que achou melhor não estender o assunto. Como saber? E nossa amiguinha deixou, no ar, outra questão tão complexa quanto à primeira: a que “mato” ela se referiu?

Maio de 2015

A "coisa"

Eu não tinha a menor ideia de como fazer aquilo.

Pegar por baixo?

Pegar por cima?

Arrastar?

Que dificuldade!

Cadê as instruções dessa coisa!?

Tinha que tirá-la do meio da sala!

Estava atrapalhando minha circulação pelo ambiente, meu acesso aos quartos, à cozinha. Era um trambolhão! Sentei no único banquinho disponível e pensei seriamente em devolver a coisa toda. Ligar na empresa e dizer que eles haviam errado! Pelo menos, o acesso ao telefone era fácil! Mas a empresa levaria dias para retirar o trambolho....e eu...como ficaria nessa?

Pensei em doar ao meu vizinho. Cara legal, bom moço, estava noivo de uma garota linda, estudante de Medicina!

Eles iriam adorar!

Mas e se ela não gostasse da cor?

Pensei em jogar pela janela do prédio! Eu moro no 24º andar! Mas, com certeza, não conseguiria chegar até a janela porque a coisa estava no meio da sala. Pensei tanto, gastei tantos neurônios, que fiquei com dor de cabeça.

Suava em bicas! Estava muito quente. Nos últimos dias o termômetro havia registrado 36 graus! Meu cabelo pingava e o suor escorria pelas costas. Estava ficando desesperado!

Aí, o telefone tocou.

- Alô?

- Posso falar com o responsável pela linha?

- Do que se trata, posso saber?

- É o senhor mesmo?

- Sim, disse irritado. O que é?

- Lamentamos informar que o material entregue em sua residência, no dia de hoje, não lhe pertence.

Houve um engano no setor de despacho e transporte. Estaremos retirando a mercadoria nas próximas 2 horas. Tudo bem, para o senhor?

- Sim, respondi. Venham! Estarei esperando!

Compromisso é compromisso!

A solução veio mais rápida do que eu havia imaginado porque, na verdade, eu só queria um par de almofadas e eles me mandaram um sofá de 3 metros.

Será que isso só acontece no Brasil?

Janeiro de 2015

Cinderela

- Bom dia!

- Bom dia. Posso ajudar?

- Sim. Eu procuro sapatos, de salto alto e fino, que sejam pretos, mas com um laçarote prata em cima. Está tão difícil de achar...Já estive em três lojas e nada.

- Temos vários modelos, minha senhora. Por favor, sente e aguarde que trarei os modelos. Qual é o seu número?

- 34, mas dependendo da forma pode ser 35.

- OK.

O vendedor voltou com muitas caixas e quase tropeçou no tapete.

- Trouxe vários modelos, minha senhora. Esse é o que mais se aproxima do seu pedido, mas é tamanho 35.

Quer começar por ele?

- Sim – Ela pegou o sapato na mão e achou lindo!

Preto, brilhante, devia ser de verniz, com um laçarote prata, perfeito, com salto alto, mas a ponteira era arredondada. Nada elegante, pensou.

- Não tem bico fino? – perguntou ao vendedor.

- Acho que tenho aqui – disse o vendedor abrindo outra caixa. Sacou um pé com laçarote dourado.

- O laçarote é dourado, minha senhora. Pode ser?

- Não, precisa ser prateado porque o vestido tem detalhes em prata. Precisa combinar, inclusive, com minha bolsa!

Das caixas abertas restava apenas uma rasgada de tanto manuseio. A compradora suspirava, pensando em trocar o vestido, quando o vendedor sacou dessa caixa o sapato perfeito. Bico fino, laçarote prata, salto alto e até um detalhe lateral, também prata. Lindo!

- Bem, esse é nº 33. O último e único. Trago sempre, mas os pés geralmente são maiores. Quer experimentar?

- Sim, quero – disse ansiosa a compradora. Perfeito!

Coube como uma luva! Confortável, macio, brilhante.
O laçarote tinha um desenho especial.
Nem perguntou o preço. Pagou imediatamente.
Finalmente havia encontrado.
Saiu apressada da loja pensando em como seria
maravilhosa a noite calçando aqueles sapatos
mágicos.

Fevereiro de 2015

E eu não sabia...

Ele era alto. Muito alto. Jovem, sem experiência. Olhos fixos no formulário procurando entender cada palavra, cada pergunta. Que sufoco!

Essa história de primeiro emprego....deixava todo mundo maluco. E se ele errasse todas as respostas? Confundisse as datas! Por que ele precisava trabalhar, afinal? Ah! Sim! Lembrara agora. Os estudos! Sem trabalho, nada de dinheiro. E, sem dinheiro, nada de estudos.

Suava!

Suas mãos estavam úmidas deixando o formulário meio molhado! Levantou-se e foi em direção ao rapaz do RH. Entregou o formulário e sorriu. Um sorriso fraco, meio perturbado, porque não via chance nenhuma de contratação.

Afinal, era o primeiro emprego. Sem experiência, sem contatos, sem nada! Abriu a enorme porta de vidro e saiu. Queria respirar um pouco! Lá dentro estava se sentindo sufocado. Muita pressão!

Foi em direção à estação do Metrô e se meteu no meio daquela multidão, que ia pra lá e pra cá, sem destino ou com destino, esperando uma chance ou sem esperanças.

Quem poderia saber? Como eu poderia saber?

Resolveu que tentaria novamente no dia seguinte.

Outra empresa, outro formulário.....outro dia.

Janeiro de 2015

O jogador

Pediu uma bebida. "Martini". Duplo. Entre seus dedos, várias fichas coloridas eram reviradas sem se dar conta de que algumas haviam caído na mesa.

Coberta com um tecido verde a mesa era em madeira de boa qualidade, comprida e arredondada nas extremidades. No tecido verde, um nome estampado em letras douradas.

Vestia um terno escuro com gravata listrada e camisa branca. No bolso, um lenço pequeno, também branco.

Ao seu lado, várias pessoas dividiam o espaço daquela mesa. O clima de festa era devido à bebida, servida sem parar por garçons bem trajados e atenciosos.

Outras pessoas estavam sentadas em bancos altos, forrados de tecido também verde, no bar próximo observando a cena que se passava adiante, naquela mesa abarrotada de gente.

O suor escorria em seu rosto e suas mãos continuavam revirando as fichas até que ele

decidisse o que fazer com elas.

Olhava constantemente para o grupo que o circundava. Faces aflitas, outras alegres.

Duas pilhas de fichas estavam à sua frente. Redondas, outras quadradas, de acordo com o valor delas. Muitas eram azuis. Poucas vermelhas. Depositou todas as fichas no meio da mesa, empurrando com as mãos suadas, e falou alguma coisa ao responsável pelo jogo.

A resposta veio rápida e a roleta girou.

Olhos atentos acompanharam o giro.

O silêncio era quebrado apenas pelo ruído da roleta, girando, girando.

A bolinha branca rodou sobre seu eixo várias vezes e fazia um barulho característico procurando um nicho para se acomodar, até que a sorte fosse lançada e houvesse um vencedor.

Um suave murmúrio dos componentes da mesa, o tilintar de taças no bar e uma música suave ao fundo se misturavam no ambiente. Ele estava atento.

O tempo pareceu parar, até que a roleta terminou seu giro.

Vermelho 15.

Todas as fichas foram recolhidas pelo responsável.

A mesa havia ganhado.

Abril de 2015

Escrever é um ato solitário.

Durante toda a minha vida eu li muito e me preparei para por em execução um sonho: o de escrever, não só para mim, a primeira leitora, mas para todos os que gostam de histórias curtas, rápidas e com um leve acento memorialista.

Afinal, escrever, é exteriorizar o que temos na alma! É compartilhar nossa maneira de encarar o mundo, com todas as suas transformações.

O ser humano vive pouco. Algumas dezenas de anos, se tanto! E compartilhar nosso crescimento, nossa experiência, nossa postura perante as situações mundanas, nos torna mais humanos.

Eu gosto de escrever.

Eu gosto.

Contato: palamedes@ig.com.br